

ENTREVISTA

Rubén Bareiro Saguier; um paraguaio em Paris

Cecília Zokner

Universidade Federal do Paraná

Em 1981, no Colóquio Internacional sobre o conto latino-americano realizado na Universidade de Paris IV, Rubén Bareiro Saguier leu um de seus contos inéditos, cedido, então, para ser publicado no Brasil. Num fim de tarde, tomando um mate gelado em busca do gosto do tererê, num dos cafés do Quartier Latin, falou sobre suas vivências de intelectual no exílio, sobre seus escritos. Eis algo do que foi dito então e o seu conto em versão portuguesa:

Em Paris, no exílio, Ruben Bareiro Saguier é um dos muitos latino-americanos levado a enriquecer a cultura da metrópole por contingências que foram impostas a sua vontade. **Yo salí porque me estaba ahogando en ese medio dictatorial en que no podía trabajar en lo que me interesaba.** Isso acontecia em 1962 ou 1963, quando, abandonando as suas aulas de Literatura Paraguaia e Latino-Americana, partiu para Paris com uma pequena bolsa de estudos do Governo Francês. A partir de então, como professor na Universidade francesa foi prolongado um exílio que já se iniciara na infância. **Tuve que comenzar mi primer exilio a los doce años para seguir los estudios secundários en Asunción, una ciudad que nunca me gustó. Cuando podía, volvía a mi pueblo. Villeta se llama. Rubén Villeta. Guarni lo llamo yo en mis cuentos.** Durante algum tempo ainda pode ir e vir entre seus país

e a França, mas em 1972 foi preso em Assunção onde permaneceu incomunicável por dois meses e somente a pressão internacional obrigou a sua liberdade que se iniciou no avião que o levava outra vez para o exílio. Já então não mais voluntário mas decretado pela polícia. E no exílio permanece até hoje ensinando o guarani na Universidade de Paris. Na verdade, Rubén Bareiro Saguier esquecera já há tempo o curso que havia feito para agradar a seu pai: **“Como todo latinoamericano subdesarrollado hice derecho, una detestable profesión que nunca ejercí. ¿Pretender ser abogado, ayudante de la justicia?** Seu caminho foi outro: o da resistência. **Fui militante de la resistencia universitaria y ahí conocí detenciones que deben haber sido una veintena por lo menos.** O da resistência intelectual: como diretor durante vinte anos, muitos dos quais já em Paris, de *Alcor*, revista de cultura publicada no Paraguai. Ou fazendo jornalismo, crítica literária, poesia: **Yo comencé también, como la mayoría de los latinoamericanos escribiendo poesía.** Publicado em Madrid, *Biografía del ausente*. (1964 Em Assunção, numa homenagem ao companheiro ausente. *La víbora de la mar*, pequenos poemas muito breves escritos em espanhol mas com uma estrutura interna puramente guarani. **Al leerlos me di cuenta que esos poemitas tenían esa estructura que es propia del guarani, una especie de trayectoria dialéctica en que no hay una relación causa/efecto.** Depois, foi a premiação de um livro de contos, em 1971, pela Casa de las Américas: **Ojo por diente** do qual não é possível achar um exemplar em espanhol pois a péssima edição de Monte Ávila, teve uma parte dela distribuída clandestinamente e a outra atirada nos porões da casa editora, livro que no ano seguinte foi publicado em francês *Pacte du sang* e causa de sua prisão e exílio político. Agora, a expectativa da publicação no Paraguai de *El séptimo pétalo del viento* seu último livro que aparecerá com “prólogo-conversacion de Augusto Roa Bastos.

Conto

MATANÇA DA VIBORA PRATEADA E RESSURREIÇÃO DE SEU SANGUE

de Rubén Bareiro Saguier, traduzido
por Laura Jesus de Moura e Costa.

De repente parou a carroça e a outra de trás e a outra e a outra e a de acolá e a seguinte.

Os chifres tomados de surpresa faziam sangrar as garupas dos bois que precediam à imprevista faca, que despedaçava as correias das guarnições ou arrebetava os ventres das cangalhas de vime sangrantes de milho ou de amido, quando errava a carne. O pasmo inicial se misturou com o mugido que foi se estendendo como um eco do ruído da madeira rachada, e o rumor do couro esticado. Os mochos estilhaçavam as travessas posteriores quando suas cabeças de pilão não davam nos redondos traseiros dos companheiros da frente. As crianças despertaram sobressaltadas e puseram-se a chorar estrepitosamente. Os cães ladraram em uníssono, depois farejaram o ar e começaram a uivar ou seguiram ladrando, alternadamente. Os homens e as mulheres tiveram primeiro um súbito assombro, logo em seguida, um estremecimento de medo. As velhas, de imediato, pensaram no fogo, o dilúvio, o cometa e se puseram a chorar. Instintiva e inutilmente as mães aproximaram os opulentos peitos nutritivos às convulsas bocas infantis; os prantos cresceram, multiplicados pelo ruído confuso de fim de mundo que envolvia a caravana. A enorme lagarta tardou muitíssimo em deter sua marcha. Os estertores seguiram movendo largamente seus anéis de couro, de gritos, de pau, de medo, de lata. O que é que há, que acontece, uns aos outros; que acontece, uns e outros. Os palavrões respondiam ao ladrado dos cães e os prantos infantis aos olhares ansiosos. Os homens se reuniram em circulozinhos inquietos, e os punhos fechados discutiam com os semblantes carrancudos. Pouco a pouco se fez uma só voz, um coro comprido foi cantando:

* Conto dedicado a Carlos Saguier.

“que as mulheres e as crianças fiquem, iremos nós ver o que ocorre.” E se puseram a caminhar, em pequenos grupos ansiosos, que iam amassando o capim e levantando poeira. E seguiram caminhando em pequenos grupos. Iam deixando atrás carroças com olhares angustiosos, prantos de crianças, espartilhares ondulantes, redemoinhos de inquietude, lufadas de vento. Os cães arquejantes os acompanhavam, as línguas gotejantes como bandeiras do desassossego.

No início, a extensa coluna ia percorrida por um murmúrio, que talvez não fosse senão a poeira e o retumbar dos leves tambores dos pés. Porém, logo, a pergunta sussurrada foi desaparecendo, até dos olhos, e a marcha transformou-se num enorme silêncio que esmagava o capim e se envolvia num manto espesso de pó grisáceo. Quando finalmente chegaram, o crepúsculo se havia instalado entre eles, porém já ninguém sabia se era a cor do entardecer, o silêncio do amanhecer ou a penumbra das poeiras. Tampouco sabiam se haviam chegado, nem onde poderiam ter subido, senão que em algum lugar haviam detido a coluna de pés e poeira. Em algum lugar e por alguma razão que ninguém sabia explicar, algo lhes impedia seguir avançando. Um muro de homens se interpunha entre os olhos e a curiosidade, entre a curiosidade e o objeto que cortava o caminho, feito de capins amassados, de pulverizada ansiedade, de cinzas impalpáveis. A marcha comprida sucedeu a súbita dança. Os homens se amontoavam, faziam cambalhotas, davam voltas, balanceios, chutando os gemebundos cães, se trançavam, marcavam passos cruzados, empreendiam carreiras ou bordavam contrapassos, empurrados pelos outros que vinham, que iam ou que estavam de volta com o rosto inflamado. De repente, um instintivo mecanismo dinâmico instaurou uma ordem na enorme roda humana, composta de outras rodas menores e outras rodinhas, que giravam automaticamente num complicado jogo de relojoaria, para aproximar-se do objeto da curiosidade geral. Os que regressavam traziam a cara iluminada, o assombro brilhando-lhes nas pupilas, a boca entreaberta; a flor de pele de galinha lhes notava o desejo, a esperança, a apetência veemente de chegar novamente para voltar a encher o vazio dos olhos. Assim chegaram a ver a maravilha os

que vieram depois que os primeiros; assim puderam descobri-la os segundos e os que seguiram às quinquagésimas rodas e à infinitesimal rodinha de homens. Transcorreram sóis e luas — porque depois vieram também as mulheres, carregando as crianças atravessadas nas costas e a víbora de prata, imensa, seguia passando, cruzando, esburacando o caminho, trafegando, ocorrendo interminavelmente. E suas escamas luminosas seguiam cavando a terra, gastando-a, até descer mais baixo que os olhos, mais que a altura das costas e chegar à tona dos capins pisados, dos pés achatados pela dança. Os primeiros que chegaram contaram que entre todos tiveram que matá-la, e que aquilo era nada mais que seu sangue prateado. E seguiram passando mais luas e mais sóis, e as crianças — aquelas crianças choronas — se fizeram grandes à margem do rio que nasceu quando os primeiros homens mataram a enorme víbora que cortava o caminho frente a Guarnipitán.

E os tataranetos dos tataranetos daqueles lacrimosos infantes mamões continuam vindo, tarde após tarde, até a margem, para renovar o rito atávico da matança da descomunal víbora que ressuscitou na corrente de seu sangue argentado.